

## DETERMINADO E DETERMINANTE NA DOUTRINA DA SUBSTÂNCIA NO LIVRO Z DA *METAFÍSICA*



Raphael ZILLIG<sup>1</sup>



### Resumo

A afirmação de Aristóteles segundo a qual a forma é o ser primeiro das coisas materiais parece um abandono do projeto (caracteristicamente antiplatônico) de compreender os seres sensíveis como substâncias. O papel das noções de determinado e determinante, compreendidas segundo as perspectivas lógica e física na estrutura da argumentação do livro Z da *Metafísica* deve mostrar como Aristóteles chega a essa afirmação e porque ela parece excluir os seres sensíveis do âmbito das substâncias. A mesma estrutura deve mostrar em que medida a compreensão da forma como ser primeiro é conciliada com a pretensão de tomar as coisas sensíveis como seres determinados e substâncias.

**Palavras-chave:** Substância. Forma. Matéria. Quiddidade.

Na obra que nos foi transmitida com o título de *Metafísica*, Aristóteles dedica grande atenção à refutação da teoria das Idéias de Platão. De acordo com a exposição de Aristóteles (Cf. *Metafísica* A6),<sup>2</sup> essa tese teria surgido a partir do princípio socrático segundo o qual só se tem conhecimento rigoroso do que se tem definição. Uma vez que só se pode definir o que é determinado Platão teria concluído que as coisas da experiência sensível estão fora do âmbito da definição e, portanto, do conhecimento em sentido estrito. As coisas sensíveis estão sempre mudando e, assim procede o raciocínio platônico, seriam por isso indeterminadas. Platão teria, então, postulado a existência de seres imutáveis e separados do mundo sensível, as Idéias, verdadeiros objetos de definição. Cada um dos seres sensíveis seria objeto de conhecimento imperfeito apenas porque “participa” (isto é, deriva sua realidade) de uma Idéia que corresponde

ao conceito geral sob o qual cai o particular sensível. Sócrates e Corisco, por exemplo, são em alguma medida objetos de conhecimento unicamente porque ambos participam da Idéia de homem e dela derivam sua realidade.

Aristóteles apresenta inúmeras críticas a essa tese, dentre as quais cabe citar as mais características: Tentando tornar compreensível o mundo da experiência, ela introduz um mundo adicional contendo tantos ou ainda mais seres do que o sensível (A9, 990<sup>a</sup>34-<sup>b</sup>8; M4, 1078<sup>b</sup>30-79<sup>a</sup>4), de modo que o quadro resultante da explicação seria mais complicado do que o original. Além disso, a tese implicaria um regresso ao infinito de conseqüências ontológicas e epistemológicas catastróficas.<sup>3</sup> Como se não bastassem esses problemas, ela seria absolutamente ineficaz para explicar o vir-a-ser, a corrupção e o modo de ser das coisas sensíveis (A6, 991<sup>a</sup>8-19; M5, 1079<sup>b</sup>12-23).

Diante do resultado desse exame, é fácil compreender que o projeto ontológico de Aristóteles tenha-se desenvolvido de tal modo que não haja meio mais simples e preciso de introduzi-lo a um leigo do que caracterizá-lo como rejeição da filosofia de Platão e busca de uma proposta alternativa (Cf. BARNES, 2005, p. 40). O que se vê desde as *Categorias* até a *Metafísica* é o desenvolvimento de uma ontologia que busca tomar as coisas particulares, sensíveis, mutáveis e de natureza composta como seres em sentido pleno (e não derivado) e como objetos genuínos de conhecimento. Assim sendo, é surpreendente que Aristóteles afirme por diversas vezes nos livros centrais da *Metafísica* que o ser primeiro dos seres materiais não é a coisa tal como se apresenta na experiência, mas unicamente a sua forma,<sup>4</sup> ou seja, um certo núcleo de realidade que deve corresponder ao ser das coisas. Ainda que as formas Aristotélicas, ao contrário das Idéias de Platão, não existam separadas das coisas particulares das quais elas são formas (H1, 1042<sup>a</sup>26-31), elas não são as próprias coisas, não sendo possível aplicar a elas os princípios da mudança (Z8, 1033<sup>b</sup>5-8). Como pode, portanto, a opção de tomar as formas como seres em sentido próprio não representar um retrocesso platonizante e o abandono do projeto de tomar como seres em sentido próprio as coisas sensíveis? Como observa Suzanne Mansion de pouco adiantará negar às formas o caráter transcendente das Idéias de Platão, se elas não puderem explicar a realidade *das* coisas sensíveis e compostas de forma *e matéria* (MANSION, 1971, p. 79).

A resposta será procurada na estrutura da argumentação do principal estudo de Aristóteles a respeito do ser enquanto ser, a saber, o livro Z da *Metafísica*. Como explica Aristóteles no primeiro capítulo dessa obra, a proposta de estudo do ser em geral depende da noção de ser primeiro ou substância (*ousia*) – um ser do qual dependem todos os outros modos de ser. Essa é, como se sabe, a solução de Aristóteles para o problema inicial do projeto de uma disciplina ocupada com o ser sem qualificações: ainda que o ser se diga de muitos modos, um estudo unificado que o tome por objeto é possível devido à dependência de todos os tipos de ser ao ser primeiro ou substância (Cf.  $\Gamma 2$ , 1003<sup>a</sup>33-3<sup>b</sup>6). Tal como apresentado no livro Z, o ser primeiro da ontologia surge de um cruzamento de perspectivas: do ponto de vista lógico, ele é o sujeito último de atribuição; do ponto de vista físico, ele é o substrato que permanece inalterado enquanto se alteram suas propriedades não essenciais (Cf. BURNYEAT, 2001, p. 6-8). A resposta ao problema apresentado será buscada a partir do exame da interação entre essas duas abordagens do ser no livro Z. Isso será feito, primeiramente, reconstruindo o percurso que leva, no livro Z, à conclusão segundo a qual o ser primeiro de uma coisa composta é sua forma. O passo seguinte será exibir os elementos da ontologia aristotélica que parecem mostrar que essa opção corresponde ao abandono da pretensão de tomar as coisas sensíveis como seres em sentido próprio. Finalmente, deve-se mostrar que essa conclusão não se impõe e que da compreensão do ser primeiro da coisa composta como correspondendo à forma não se segue que os seres compostos sejam incognoscíveis ou seres em sentido derivado.

### **A via da lógica: quiddidade e o ser primeiro**

Aristóteles descreve a estrutura da proposição como correspondendo a “algo dito de algo” (Cf. *Da Interpretação* 4 e 5). É condição dessa estrutura que haja algo do qual se declara alguma coisa. Para tanto, é necessário que as atribuições não regridam ao infinito: não é possível que A seja atribuído a B, que B seja atribuído a C e assim sucessivamente. Se esse fosse o caso, não haveria nada *determinado* do qual se está declarando algo. É necessário, portanto, que a cadeia de atribuições tenha um término e, por conseguinte, que haja algo que é sujeito de atribuição e não é atribuído a nada subsequente.

Agora, se esse sujeito último é, de fato, determinado, então há algo em virtude do que ele é determinado (um *determinante*). Quando se expõe o determinante de um dado sujeito último, nada diferente dele próprio é atribuído: o determinante não é uma atribuição de algo a algo, mas é a indicação do que o sujeito em si mesmo é. A relação entre o determinado e o determinante, por conseguinte, não é aquela entre o sujeito e um seu atributo, mas entre o definido e a sua definição.<sup>5</sup> Para que o discurso seja determinado, portanto, é necessário haver um sujeito último de atribuição delimitado por um determinante que é precisamente idêntico ao que esse sujeito, por si, é.

Esse princípio gera uma via de pesquisa explorada nos capítulos 4 a 6 do livro Z, a saber, o estudo do “o que é ser” para algo, ou seja, sua quiddidade (*to ti ên einai*) expressa na definição. Esse estudo começa com a caracterização geral dessa noção básica extraída da lógica: o “o que é ser” para cada coisa é aquilo que se afirma dela por si mesma (Z4, 1029<sup>b</sup>14).<sup>6</sup> O ser para ti não é o ser para músico, diz Aristóteles, pois tu não és músico em virtude de ti próprio.

Essa caracterização da quiddidade exclui do âmbito da pesquisa um certo tipo de seres compostos como, por exemplo, o “homem branco” (Z4, 1029<sup>b</sup>22-30<sup>a</sup>17). Quando se pergunta o que é ser para homem branco, a resposta inclui uma atribuição ordinária: ser, para homem branco, é ser de tal modo que a brancura esteja atribuída ao homem. O homem branco é, de certo modo, um composto accidental: não existe uma relação de dependência interna entre a humanidade e a brancura. Resulta disso que, no caso do homem branco, a coisa é distinta do que é ser para ela – o homem branco não é distinto do homem, de modo que, se coisa e substância fossem indistintas nesse caso, o ser para homem branco e o ser para homem seriam o mesmo.

Apenas coisas “ditas por si próprias” serão, portanto, idênticas ao que é ser para elas, ou seja, coisas nas quais não figura adição de coisas diferentes entre si, ou seja, nas quais não figura uma atribuição ordinária.

A regra que exclui o homem branco do âmbito das coisas idênticas ao que é ser para elas não elimina, por exemplo, termos que denominam qualidades quando tomados à parte do que eles qualificam. Assim, o branco será idêntico ao ser para branco quando a pergunta disser respeito à afecção compreendida em si mesma (isto é, como cor) e à parte de algo que é branco (Z6, 1031<sup>b</sup>22-28). O branco está fora dos limites que se quer estabelecer apenas quando se leva em conta que ser uma cor *por si* é ser atribuído a algo distinto. O branco pode ser atribuído a um

homem ou a alguma outra superfície, mas ser atribuído a uma superfície pertence ao que o branco é por si e, nesse sentido, ele pertence ao âmbito das coisas ditas não por si, mas com adição de algo distinto (Z5, 1031<sup>a</sup>1-7). Aristóteles dirá, então, que o “o que é ser” para a coisa é idêntico à própria coisa não em geral, mas com respeito às coisas primeiras e “por si” (Z6, 1032<sup>a</sup>4-6).

### **A via da física: quiddidade como forma e a emergência do problema**

Ainda que homem seja por si em um sentido que um composto do tipo “homem branco” ou uma qualidade como a brancura ou a musicalidade não são, isso ainda não nos leva ao ser primeiro em sentido estrito, ou seja, a forma (no caso dos seres vivos, a alma). A argumentação de natureza lógica deve, agora, ser deixada de lado em favor da consideração de natureza física.<sup>7</sup>

A substância, afinal, é ser primeiro não apenas segundo a definição e o conhecimento, mas também segundo o tempo (Z1, 1028<sup>a</sup>31-<sup>b</sup>2). Ser primeiro quanto ao tempo é manter-se determinado a despeito das inúmeras mudanças sofridas.<sup>8</sup> O determinante, nesse caso, é o que garante a identidade do ser a despeito das mudanças.

Ser indeterminado, nesse âmbito, seria a incapacidade de explicar por que as coisas vêm a ser o que são ou comportam-se como de fato o fazem. A partir de um exemplo do próprio Aristóteles (*Física* II 1, 129<sup>b</sup>23-27), pode-se dizer que o indeterminado físico seria quando, diante de um médico que cura a si próprio, fôssemos incapazes de dizer se ele o faz porque é médico ou porque é paciente. É necessário concluir que o médico é paciente de si próprio por acidente: sua atitude de curar explica-se por ser médico, mas ser receptivo à cura explica-se por ser paciente, característica distinta que somente por acaso é verdadeira do mesmo indivíduo. Com relação ao ato de cura, o determinante é o fato de ser médico (e não paciente) e essa distinção garante que se possa explicar o ato de cura a despeito de ser o mesmo indivíduo quem opera e quem recebe a cura.

O ser médico, a saber, a característica de poder curar, explica não apenas as atitudes do médico, mas também as diversas etapas de sua formação. O ser médico determina as atitudes do indivíduo que é médico diante de uma dada doença, mas, na medida em que é tomado como fim de uma formação, o ser médico determina também as etapas do processo que levarão o leigo a tornar-se médico. No âmbito físico, portanto, o mesmo determinante estipula o ser e o vir a ser de

uma dada coisa. Ser um cão, por exemplo, é existir de um dado modo e é com vistas a esse tipo de existência que são orientadas todas as etapas da geração do cão. Aristóteles denomina “forma” a esse tipo de determinante.

De acordo com a lógica, o “o que é ser” corresponde ao que é enunciado na definição e que, no caso dos seres primeiros e por si, deve ser idêntico à própria coisa. Cruzando as perspectivas lógica e física, é possível dizer que o “o que é ser” para os seres sensíveis é o que explica seu modo de existir e confere a estrutura de seu vir a ser, ou seja, a sua forma (Z7, 1032<sup>b</sup>1-2).<sup>9</sup> A identidade entre a forma e o “o que é ser” corresponde à coincidência entre o determinante em sentido físico e o determinante em sentido lógico. Compreender o sentido dessa identidade é compreender o que é a ciência do ser enquanto ser para Aristóteles.

No entanto, o que significa dizer que a forma é o “o que é ser” para um dado ser do mundo sensível? A quiddidade ou o “o que é ser” é uma noção da lógica, âmbito que supõe a determinação completa de cada sujeito último de atribuição ou ser primeiro. Esse tipo de determinação pode ser encontrada nos seres geométricos e é certo que, se o homem fosse tão determinado quanto um ser geométrico, ele seria absolutamente idêntico à sua forma, ou seja, ele seria única e precisamente a sua alma.

Contudo, os seres sensíveis não são completamente determinados. Se o seu vir a ser e seu modo de existência possuem um princípio de determinação que é a forma, eles igualmente possuem um princípio de indeterminação que é a matéria. Uma vez que são compostos de matéria e forma, os seres sensíveis nunca são absolutamente idênticos aos seus determinantes. Ao contrário do que ocorre com os seres geométricos ou com a alma considerada à parte da matéria (Z10, 1036<sup>a</sup>1-2), o ser para o homem não é idêntico ao próprio homem. Este é precisamente o problema que se quer resolver: Aristóteles parece adotar um princípio lógico de definição e inteligibilidade que não parece poder ser satisfeito pelos seres sensíveis, precisamente aqueles que sua ontologia pretendia tomar como seres em sentido próprio.<sup>10</sup>

### **A forma e o ser sensível**

Uma vez que o conflito entre as exigências da noção de definição e a realidade composta dos seres sensíveis deve-se ao princípio de indeterminação destes últimos, é a partir dele, ou seja,

da noção de matéria, que se deve buscar a solução do problema. Esta noção é introduzida na *Física*<sup>11</sup> para explicar a mudança, incluindo-se nisto o surgimento dos seres sensíveis. Ela é aquilo a partir do que um dado ser sensível vem a ser, que existe nele como seu constituinte e que torna a existir em separado após sua destruição, como, por exemplo, o bronze, no caso de uma estátua. No entanto, não é em virtude de poder ser rastreado ao longo de todas as fases do ciclo de existência de um ser constituído a partir de um item que esse item é tomado como matéria. O bloco de bronze não é matéria da estátua por ser determinado como bloco de bronze, mas por poder deixar de ser bloco de bronze e tornar-se estátua.<sup>12</sup> De um modo geral, portanto, a matéria é o que pode ser diferente do que é.

Uma vez que sempre pode ser diferente do que é, a matéria é princípio de indeterminação. Na medida em que um ser é constituído de matéria, ele pode sempre deixar de existir, pois a matéria pode sempre passar a constituir um ser diferente. Se esse princípio explica o papel da matéria na geração e corrupção dos seres, ele também explica o seu papel nos processos de mudança dos seres sensíveis. Uma vez que a matéria pode sempre ser algo diferente do que é, a matéria confere ao ser que dela é constituído a capacidade de mudar. Assim, dizer que um ser sensível é indeterminado por ser constituído de matéria corresponde a dizer que ele é mutável.

Deve-se agora examinar a relação entre forma e matéria. Quando se pergunta o que é esta matéria neste momento e o que ela pode vir a ser de diferente, a resposta será, em ambos os casos, uma forma. Para perguntar o que é a matéria de algo, deve-se saber, em primeiro lugar, o que é esse algo, ou seja, conhecer a sua forma. É a partir da forma, portanto, que se determina o que é matéria de algo – a matéria é o que é por sua relação com a forma. Compreendida como algo que existe em si mesmo, a matéria é um conceito absurdo.<sup>13</sup>

Isso que se diz em absoluto a respeito do papel da forma como determinação do algo que é a matéria em um dado momento vale também para o âmbito relativo da mudança. A matéria do homem é carne e ossos para que seja possível realizar as possibilidades inscritas na sua alma, como por exemplo, sentar-se e levantar-se. A forma, portanto, determina as possibilidades da coisa, ao passo que a matéria permite que essas possibilidades ora estejam realizadas, ora não. A matéria não torna absolutamente indeterminado o ser que dela se compõe – torna-o indeterminado apenas com relação àquelas características que ele tanto pode ter quanto não ter.

O dilema aqui proposto, portanto, não é genuíno. A sugestão segundo a qual o princípio de inteligibilidade adotado por Aristóteles é excessivamente exigente para ser satisfeito pelos seres sensíveis não se verifica na medida em que ela parte de uma hipótese cuja aceitação nada impõe: a de que um ser só é plenamente inteligível quando todas as suas potencialidades estão imediatamente realizadas. A recusa dessa hipótese torna falsa a suposição de que os seres compostos, por possuírem um princípio de indeterminação são, em si mesmos, indeterminados. Dizer que o homem não é plenamente determinado significa unicamente dizer que ele sempre pode estar em um estado ou disposição diferente do atual, ou seja, que ele possui possibilidades não realizadas, por exemplo, estando sentado, ele pode vir a estar de pé. Certas possibilidades do modo de existir do homem são indeterminadas quanto a estarem ou não realizadas, mas não quanto ao que são.

Dizer que o “o que é ser” para o homem, em sentido estrito, é sua alma, é apenas dizer que suas possibilidades intrínsecas são determinadas e podem ser conhecidas de modo independente de sua realização ou não. Por outro lado, dizer que o homem não é idêntico à sua forma tomada em separado, ou seja, à sua alma, significa unicamente que o homem é um ser submetido ao vir a ser e à mudança.

## **DETERMINATE AND DETERMINANT IN THE DOCTRINE OF THE SUBSTANCE IN THE BOOK Z OF THE METAPHYSICS**

### **Abstract**

Aristotle's statement, in which the form is the first being of the material things seems an abandonment of the project (characteristically antiplatonic) of understanding the sensitive beings as substances. The role of the notions of determinate and determinant, understood according to the logic and physical perspectives in the structure of the argumentation of the book Z of the Metaphysics might show the way Aristotle arrives to that statement and because it seems to exclude the sensitive beings of the extent of the substances. The same structure might show in what measures the understanding of the way as first being is reconciled with the pretension of taking the sensitive things as determinate beings and substances.

**Key-words:** Substance. Form. Matter. Quiddity.

## Notas

<sup>1</sup> Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). E-mail: rzillig@gmail.com.

<sup>2</sup> As referências às passagens da *Metafísica* serão, de agora em diante, precedidas apenas das indicações do livro e da seção correspondente, ficando subentendido o título da obra.

<sup>3</sup> Resumidamente, pode-se apresentar essa crítica da seguinte forma: Se, do fato que tanto Sócrates, quanto Corisco são homens deve-se supor a existência de uma idéia de homem da qual ambos participam, então nada impede que o mesmo raciocínio seja aplicado à relação entre a Idéia e o particular que dela participa. Afinal, Sócrates e a Idéia de homem são ambos ditos “homens” e deve haver, então, uma idéia de segundo grau exprimindo o que permite dizer que ambos são homens. Como esse raciocínio pode ser reaplicado indefinidamente, o resultado seria uma série infinita de Idéias de Idéias. Conhecido como “argumento do terceiro homem”, a versão mais completa desse raciocínio referido em diversas passagens da *Metafísica* (A9 990<sup>b</sup>17; Z13, 1039<sup>a</sup>2; K1, 1059<sup>b</sup>8; M4, 1079<sup>a</sup>13) foi transmitida pelo comentário de Alexandre de Afrodísia (séc. II d.C.), que o teria reproduzido do tratado aristotélico, hoje perdido, intitulado “Sobre as Idéias”. Ainda que esse seja o mais célebre argumento antiplatônico atribuído a Aristóteles, sua origem, sua reconstrução precisa e mesmo sua influência sobre as teses do próprio Aristóteles são controversas (Cf. OWEN, 2005).

<sup>4</sup> A forma ocorre como sinônimo de substância, por exemplo, em Z8, 1033<sup>b</sup>17; Z11, 1037<sup>a</sup>29; Z17, 1041<sup>b</sup>17. Ainda mais significativas do que essas passagens, talvez sejam aquelas em que a definição das substâncias sensíveis é dita limitar-se à respectiva forma: Z10, 1035<sup>b</sup>33-36<sup>a</sup>2; Z11, 1036<sup>a</sup>28-29; 1037<sup>a</sup>27-29.

<sup>5</sup> Essa argumentação é desenvolvida principalmente em Γ4 (1007<sup>a</sup>33-b18) e *Segundos Analíticos* I 19-22 (particularmente em 83<sup>a</sup>01-<sup>b</sup>32)

<sup>6</sup> “Ser afirmado por si próprio” é aqui empregado em um sentido relevante. Aristóteles reconhece (Cf. Z4, 1029<sup>b</sup>15-18), por exemplo, que a brancura é dita “por si própria” da superfície, uma vez que a brancura ocorre necessariamente em uma superfície. A superfície, no entanto, não é nela própria a brancura e *neste sentido* (aquele aqui relevante) a brancura não é dita por si própria da superfície.

<sup>7</sup> As considerações de natureza física começam em Z7, capítulo que dá início à análise da geração e corrupção das substâncias e artefatos, a qual se estende até Z9.

<sup>8</sup> Essa parece ser a interpretação mais adequada à associação que se impõe (Cf. ROSS, 1924, p. 160-161) entre ser anterior quanto ao tempo (Z1, 1028<sup>a</sup>33) e ser separável (Z1, 1028<sup>a</sup>34).

<sup>9</sup> A identificação entre forma e quiddidade ocorre, pela primeira vez no livro Z, em Z7. As noções de matéria e forma, características da análise física, estão completamente ausentes nos capítulos Z4-6, que se ocupam unicamente da lógica. Após a introdução da noção de “o que é ser para algo” em Z4-6 e da introdução da perspectiva física em Z7-9, estão dadas as condições para que, nos capítulos Z10 e 11, desenvolva-se a discussão da definição dos seres sensíveis.

<sup>10</sup> Aristóteles insere-se na mesma tradição socrática da qual Platão é um representante. Ele adota a definição como princípio do conhecimento preciso e compreende, também, que ser determinado seja condição para ser definível. A esse respeito, seu modo de pensar é semelhante, senão idêntico ao de Platão. A busca de uma alternativa não-Platônica não ocorre, portanto, na via lógica, mas na via física.

<sup>11</sup> No livro I da *Física* não ocorre o termo “matéria”. Esse conceito é, lá, explorado como “substrato”.

<sup>12</sup> É muito comum em Aristóteles o recurso aos artefatos como metáforas para as substâncias com vistas a explicar a geração e a corrupção substancial. Esse expediente explica-se por serem evidentes nos artefatos as relações entre “forma” (o projeto do artesão) e “matéria” (o material a partir do qual o objeto é constituído). É, no entanto, importante lembrar que, para Aristóteles os artefatos não são substâncias genuínas (Cf. H3, 1043<sup>b</sup>21-23) – seu estatuto ontológico é mais próximo ao dos compostos acidentais (como o homem branco) do que ao das substâncias em sentido estrito (Cf. KOSMAN, 1987). Para que o exemplo dado funcione, portanto, é preciso supor que o bloco de bronze e a estátua sejam substâncias verdadeiras, o que não é o caso.

<sup>13</sup> O argumento de Z3, cuja conclusão apresenta a matéria em si é algo sem quaisquer propriedades (1029<sup>a</sup>20), parece dever ser lido como uma redução ao absurdo da idéia de matéria quando tomada a parte da forma. Essa passagem já foi interpretada como indicando a adoção por parte de Aristóteles de uma noção de matéria que corresponderia a algo da natureza de um objeto que, no entanto, não tem propriedades (como, por exemplo, em Zeller, 1921, p. 320-22).

## Referências

- ALEXANDER OF APHRODISIAS. *On Aristotle Metaphysics I*. Tradução de W. E. Dooley. London: Duckworth, 1989.
- BARNES, J. *Aristóteles*. Trad. de A. U. Sobral e M. S. Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BURNYEAT, M. *A map of Metaphysics Zeta*. Pittsburgh: Mathesis Publications, 2001.
- KOSMAN, L. A. Animals and other beings in Aristotle. In: GOTTHELF, A.; LENNOX, J. G. *Philosophical Issues in Aristotle's biology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- MANSION, S. Sur la composition ontologique des substances sensibles chez Aristote (*Metaphysique 7-9*). In: PALMER, R. B., HAMERTON-KELLY, R. (Orgs.). *Philomates: Studies and essays in the humanities in memory of Philip Merlan*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.
- MINIO-PALUELLO, L. (Org.). *Aristotelis Categoriae et Liber De Interpretatione*. Oxford: Clarendon Press, 1949.
- OWEN, G. E. L. "O platonismo de Aristóteles". Tradução de L. M. N. Fontes. In: ZINGANO, M. (Org.). *Sobre a Metafísica de Aristóteles: Textos selecionados*. São Paulo: Odysseus, 2005.
- ROSS, W. D. (Org.). *Aristotle's Metaphysics: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross*. Oxford: Clarendon, 1924.
- \_\_\_\_\_ (Org.). *Aristotle's Physics: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross*. Oxford: Clarendon, 1936.
- \_\_\_\_\_ (Org.). *Aristotle's prior and posterior analytics: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross*, Oxford: Clarendon, 1949.
- ZELLER, E. *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. Zweiter Teil, Zweite Abteilung. 4. ed. Leipzig: Weichert-Druck, 1921.